



VENEZUELA

Estudantes desafiam o medo e voltam às ruas

Protesto envolvendo milhares de universitários exige a libertação de todos os presos políticos, o fim da repressão e a mudança de regime. Assembleia Nacional adia debate final sobre anistia ampla e irrestrita para a próxima semana

» RODRIGO CRAVEIRO

Pela primeira vez desde a captura do ditador Nicolás Maduro, em 3 de janeiro passado, as ruas de Caracas e das principais cidades da Venezuela ecoaram palavras de ordem, como “Não temos medo!”. Nas redes sociais, venezuelanos comemoraram os protestos ecoando versos da cantora chilena Violeta Parra: “Viva os estudantes! Jardim da nossa alegria! São pássaros que não têm medo de animais ou da polícia. E não têm medo de balas, nem do latido da matilha”. Enquanto milhares de estudantes aproveitavam o Dia da Juventude para protestar e pedir a libertação de todos os prisioneiros políticos — a imensa maioria dos manifestantes nem sequer tinha nascido quando o chavismo ascendeu ao poder —, a Assembleia Nacional (controlada pelo regime criado pelo ex-presidente Hugo Chávez) debatia um projeto de lei de anistia ampla. Depois de horas de discussões, os parlamentares adiaram para a próxima semana o debate final sobre o texto.

“Prisioneiros, nossa rebelião se incendia”. A frase estampava uma faixa estendida sobre o arco da entrada da Universidad Central de Venezuela (UCV), em Caracas. Miguelangel Suárez, presidente da Federação dos Centros Universitários da Universidad Central de Venezuela (UCV), disse ao **Correio** que cerca de 5 mil estudantes participaram dos protestos em Caracas. “As manifestações foram uma oportunidade para que mais jovens possam se somar a nós e erguer a voz. Acho que mais e mais jovens se unirão a nós, ao longo deste caminho. Dentro de alguns meses, seremos dezenas de milhares”, garantiu.

Representante estudantil da Faculdade de História da instituição, Franco Gil contou ao **Correio** que o protesto em Caracas foi permeado pela esperança e por um apelo, por parte dos

Juan Barreto/AFP



Estudantes universitários, opositores e familiares de presos políticos participam de manifestação em Caracas: “Que sejam todos (libertados)!”

Países se mobilizam por Cuba

Dois navios do México atracaram no porto de Havana com mais de 800 toneladas de ajuda humanitária para Cuba. A ilha caribenha está mergulhada em profunda crise econômica agravada por pressões de Washington. Rússia e Chile também prometeram enviar assistência. A chegada dos navios Papaloapan (foto) e Isla Holbox, enviados pela presidente esquerdista Claudia Sheinbaum, ocorre enquanto o México negocia um eventual fornecimento de petróleo ao país sem ser sancionado pelos EUA. De acordo com o governo mexicano, as embarcações transportaram 814t de leite líquido e em pó, carnes, biscoitos, feijão, arroz e itens de higiene pessoal. No Chile, o governo de Gabriel Boric confirmou que pretende enviar ajuda humanitária a Cuba, “levando em conta a dramática situação”. A Rússia deve fornecer petróleo ao aliado.

Adalberto Roque/AFP



Eu acho...

Arquivo pessoal



“Foi um protesto histórico. Creio que foi a maior mobilização desde janeiro de 2025. Os venezuelanos se mobilizaram para apoiar sua juventude em várias cidades do país, nos departamentos de Caracas, Carabobo, Aráguia, Bolívar e Yaracuy. Em todo o país houve protestos. As principais demandas dos estudantes são o fim da repressão e a liberdade dos prisioneiros políticos. Também queremos que os jovens tenham a oportunidade de construir um país decente e com oportunidades. Queremos sentar à mesa e tomar decisões políticas, que nos afetem diretamente.”

MIGUELANGEL SUÁREZ, presidente da Federação dos Centros Universitários da Universidad Central de Venezuela (UCV) e líder dos protestos de ontem

parciais”. “O fato de estudantes, familiares e ativistas terem atendido às convocações — especialmente em 17 departamentos (estados) e com consignas como ‘anistia total’ — mostra que não existe confiança em um projeto de lei que exclui muitos prisioneiros, nem em um processo legislativo que parece fechado e pouco transparente”, avaliou à reportagem, por meio do WhatsApp. “Essa mobilização é um reflexo da repolitização de amplos setores da sociedade e da urgência sentida pela cidadania por uma solução integral, que verdadeiramente restitua direitos e liberdades.”

ESTADOS UNIDOS

Trump encerra perseguição a imigrantes em Minnesota

Charly Triballeau/AFP



Agentes federais detêm manifestante em Minneapolis, em 3 de fevereiro passado: ação do ICE causou repulsa

Após dois meses, o governo do presidente republicano Donald Trump oficializou o encerramento da operação especial contra a imigração ilegal no estado do Minnesota (norte). A ação de agentes do Serviço de Imigração e Alfândega (ICE, pela sigla em inglês) causou polêmica, em meio a semanas de incidentes e à morte de dois americanos, atingidos por disparos de arma de fogo. O anúncio do fim da repressão foi feito pelo czar de fronteiras Tom Homan.

“Propus, e o presidente Trump concordou, que esta operação especial seja concluída. Foi iniciada uma redução significativa (de agentes) esta semana e isso continuará na próxima”, declarou, durante entrevista na capital, Minneapolis. Milhares de agentes federais chegaram a Minnesota, em dezembro, e iniciaram batidas contra imigrantes em situação irregular.

Apesar do recuo em Minnesota, Homan admitiu que as operações do ICE poderiam se estender para outras cidades. “Na próxima semana, vamos deslocar os agentes que estão aqui de volta aos seus locais de origem, ou para outras áreas do país onde eles sejam necessários. Mas vamos continuar fazendo com que as leis de imigração sejam cumpridas”, disse. O prefeito

de Minneapolis, Jacob Frey, disse ontem que a presença do ICE “tem sido catastrófica para nossos moradores e negócios, e agora é hora de um grande retorno”. O governador democrata, Tim Walz, preferiu adotar um “otimismo cauteloso”.

Michele Bratcher Goodwin,

professora de direito constitucional da Universidade Georgetown (em Washington), explicou ao **Correio** que Trump e seu governo foram alertados pelos juízes de que a conduta dos oficiais do ICE em Minnesota violou a lei. “Não era ilegal permanecerem no estado.

No entanto, sua atuação, que incluiu a prisão de cidadãos americanos que exerciam seu direito à liberdade de expressão e protestos, garantido pela Primeira Emenda, constituiu uma violação da lei”, afirmou. Segundo ela, os agentes do ICE pressionaram a cabeça de

pessoas contra a neve, as capturaram e as despiram. “Em várias outras ações, violaram normas legais. Em diversas decisões, juízes de tribunais distritais advertiram o governo Trump para que cessasse essa atividade ilegal”, acrescentou a estudiosa.

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Houve pressões sociais e políticas, e o presidente Donald Trump respondeu. Isso não pode ser considerado uma vitória para Minnesota. Permanece uma tragédia, dados os assassinatos ocorridos lá, além da vigilância e das ameaças às quais os moradores do estado foram submetidos.”

MICHELE BRATCHER GOODWIN, professora de direito constitucional da Universidade Georgetown (em Washington)

Assassinatos

Goodwin lembrou que Trump esteve sob significativa pressão para retirar os agentes do ICE de Minnesota. “Ele tinha sido solicitado a fazê-lo pelo governador (Tim Walz) e por demandas vindas de americanos que vivem lá. Os assassinatos da cidadã Renee Good e do enfermeiro Alex Pretti, ambos americanos, chocaram os congressistas, tanto republicanos quanto democratas. Good e Pretti foram mortos e filmados, em circunstâncias que extrapolaram os limites da lei. Ambos assassinatos foram desumanos e resultaram em agentes do ICE impondo, na prática, sua própria pena de morte a cidadãos americanos cumpridores da lei”, destacou a professora de Georgetown.

Além dos assassinatos de Good e de Pretti, um incidente comoveu os Estados Unidos. O menino equatiano Liam Coinejo, de cinco anos, foi levado com o pai para um centro de detenção no Texas. Eles receberam liberdade provisória graças à ordem expedida por um magistrado e estão à espera de julgamento. O fato de os agentes do ICE utilizarem máscaras também foi alvo de críticas de ativistas dos direitos humanos e de políticos democratas. (Rodrigo Craveiro)